

Título do Simpósio Temático:

Cidades, culturas contemporâneas e urbanidades.

Título do trabalho:

**História e Urbanização: Liminaridades no Parque Sólon de
Lucena, João Pessoa/PB**

Maria da Conceição Pereira Paulino

Graduada em Licenciatura em História pela UFPB

Mestranda em História da Arquitetura e Urbanismo - UFPB

Resumo: O Parque Sólon de Lucena em João Pessoa/PB é um espaço público formado por uma Lagoa rodeada por palmeiras imperiais e ricamente arborizada em todo entorno. Sua urbanização teve início em 1920, tendo sido contratado em 1940 o paisagista Roberto Burle Marx, para comandar sua re-urbanização. Tombado em 1980, como paisagem natural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), o Parque Sólon de Lucena é um dos lugares mais freqüentado do centro da cidade, marcado pelo comércio, pelo turismo, pelo tráfego intenso e também é lugar de moradia. O processo de urbanização da Lagoa atravessou várias épocas, e cada intervenção urbanística foi fazendo com que essa paisagem urbana, fosse sendo cada vez mais utilizada pela população, ao ponto em que o andar pelo Parque nos põe em contato com diferentes imagens do cotidiano: de seus moradores (seja das residências ou das ruas), dos passantes, dos freqüentadores e dos trabalhadores do comércio formal e informal. É de todas essas formas que a Lagoa ou Parque Sólon de Lucena se apresenta: Lugar histórico social e natural, que proporciona encontros, ativa memórias e exhibe conflitos. Nesse texto irei apresentar um pouco da história, da sua urbanização e dos elementos que culminaram para o seu cotidiano atual.

Palavras chaves: urbanização, espaço público, liminaridades

History and urbanization: Liminaridades Park Solon de Lucena, João Pessoa/PB

Abstract: Park Solon de Lucena in João Pessoa/PB is a public space formed by a pond surrounded by Palm trees and Imperial throughout richly wooded surroundings. Its urbanization began in 1920, having been hired in 1940 the landscape artist Roberto Burle Marx, to command your re-urbanization. Tumbled in 1980 as natural landscape by the Institute of historic and artistic heritage of the State of Paraíba (IPHAEP), Solon de Lucena Park is one of the most frequented places of the city centre, marked by trade, tourism, by intense traffic and also is dwelling place. Urbanization process has gone through several seasons of the lagoon, and each urban intervention was causing this urban landscape, were being increasingly used by the population, to the point where the walk through the Park puts us in contact with different images of daily life: of its residents (whether of households or of the streets), bystanders, of visitors and workers in the formal and informal trade. Is all these shapes that the lagoon or Solon de Lucena Park presents: Place social and natural history, which provides meetings, activates memories and displays conflicts. This text I will present a bit of history, its urbanization and the elements that led to his current life.

Keywords: urbanization, public space, liminaridades

História e Urbanização: Liminaridades no Parque Sólón de Lucena, João Pessoa/PB

Este artigo faz parte das primeiras reflexões referentes ao projeto de pesquisa recentemente iniciado no programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba e tem por objetivo conhecer o processo de urbanização do Parque Sólón de Lucena aliada a percepção do lugar como espaço liminar habitado por diferentes atores urbanos. Este espaço público, de grande utilização pela população, vem sendo objeto de estudo a alguns anos de várias áreas do conhecimento e possui certa produção bibliográfica oriunda de projetos de extensão, monografias, artigos e outras publicações. Estudá-lo novamente ajudará a esclarecer certas lacunas existentes na história da sua urbanização e a compreender melhor seu cotidiano e uso atual.

O Parque Sólon de Lucena é um lugar de muitas histórias, de lembranças trágicas e alegres e é sem dúvida um dos lugares onde vemos a vida da cidade de João Pessoa fervilhar. A caminhada pelo parque nos coloca diante das *fronteiras simbólicas que ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações*.¹ Essas relações, essa convivência se mostra ora tumultuada, ora pacífica, no espaço público que une cotidiano, lazer, moradia, violência e trabalho diariamente.

A Urbanização do Parque Sólon de Lucena

A Lagoa, como popularmente é chamada, ou Parque Sólon de Lucena² localizado em João Pessoa/PB, é uma área tombada como patrimônio pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (IPHAEP) através do Decreto nº 8.653 de 26 de agosto de 1980. Cartão postal da cidade escolhido como oficial pela população por meio de concurso realizado por uma emissora de TV local no aniversário dos 422 anos da cidade venceu a disputa com o Farol do Cabo Branco, Hotel Tambaú, Orla do Cabo Branco e a Igreja de São Francisco, isso denota o sentimento de pertencimento que a população da cidade tem desse espaço.

O Parque Sólon de Lucena tem uma área total de 150 mil e 490 metros quadrados, sendo 120 mil metros correspondentes a área alagada e representa o lugar mais central do bairro do Centro de João Pessoa. Ponto de convergência de muitas ruas promove grande circulação de pessoas e veículos atraídos pelo comércio de seu entorno. De acordo com informações da Superintendência de Transportes e Trânsito (ST Trans) e a Polícia Militar, circulam pelo Parque diariamente 12 mil pessoas e 40 mil veículos.³ Diante de tais números, devido a sua localização e pelo fácil acesso, possibilitado pelos transportes urbanos, seu espaço passou a ser bastante utilizado para o comércio - formal e informal - embora ainda seja um lugar de moradia.

A região que compreende o Parque pertenceu aos jesuítas no século XVII, posteriormente essa área foi adquirida por um português Vitorino Pereira Maia, que construiu sua residência. Há registro de sua representação nos mapas do período do

¹ Análise de ABRAHÃO(2008) de ARANTES (1994) A guerra dos Lugares: mapeando zonas de turbulência. Ver referência completa na Bibliografia.

² Utilizarei nesse texto tanto o termo Lagoa como Parque Sólon de Lucena, para designar o mesmo espaço urbano, uma vez que as duas formas são usadas pela população. Foi em 1924 que passou a ter essa denominação através de um decreto do Prefeito Walfredo Guedes Pereira que homenageou o Presidente do Estado Sólon de Lucena.

³ Dados de 2009.

domínio holandês na Paraíba (Figura 1). Acredita-se que parte das terras que compreende o declive da cidade alta para a Lagoa encontrava-se habitada com casas simples e traçado irregular desde 1858, sendo possível ser desta região, que o presidente da Província, Beaurepaire Rohan, falava em seu relatório, quando se preocupa com o fato da cidade estar se convertendo em um labirinto.

Só na segunda metade do século XIX é que estas áreas passaram por alterações, como o prolongamento da Rua Nova da Alagoa, e surgido a rua, a travessa e beco do Jaguaribe, além da travessa do Chão-Duro, do Beco do Cipriano e do beco do Macaco. Possivelmente diante da existência desses logradouros podemos dizer que havia certa circulação de pessoas por estas regiões, embora a Lagoa fosse um charco envolto numa mata fechada até 1910, e nos dizeres da sociedade da época, servia de *refúgio para criminosos*.

Na visão dos administradores públicos da época, a Lagoa era um obstáculo a ser vencido para a expansão da cidade rumo ao litoral, mas sua urbanização se deu a passos lentos. Seu potencial paisagístico foi percebido pelo engenheiro Saturnino de Brito, contratado em 1913 para elaborar um projeto de saneamento para Cidade da Parahyba. O projeto Saturnino (Figura 2) previa traçados viários radiais e arborização de parques e praças, entre eles a Lagoa que considerava *um dos principais pontos focais da cidade*. Segundo consta na bibliografia estudada, a partir de 1920 ocorreu a primeira intervenção urbanística no local, realizada pelo prefeito Walfredo Guedes Pereira, embora as imagens da época não mostrem a presença de calçadas ou calçamento em seu entorno (Figura 3). No governo seguinte, do prefeito João Maurício de Medeiros, e do Presidente do Estado João Suassuna, plantaram-se as *Palmeiras Imperiais* e outras espécies de plantas trazidas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e realizadas a construção do meio fio.



Figura 1: Gravura *Frederica Civitas*, 1640, que ilustra o livro *Rerum per Octennium in Brasilia...*, de Barlaeus (Amsterdã, 1647)

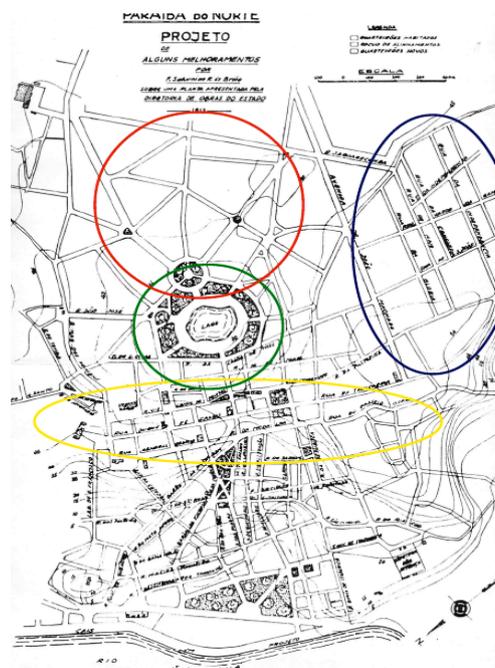


Figura 2: Projeto de Saturnino de Brito.
Fonte: Saneamento de Parahyba do Norte. Obras completas. V. 5. Rio de Janeiro. Imprensa Oficial. 1943. Retirado de ALMEIDA, 2006.



Figura: 3: Lagoa após a primeira intervenção urbanística. 1928. Acervo: Humberto Nóbrega

Em 1932, o arquiteto urbanista Nestor Figueiredo, foi contratado por Antenor Navarro⁴, para mais uma etapa de obras na região do entorno da Lagoa. Em seu plano propôs uma trama quadriculada em seu entorno com a abertura de uma Parkway (Figuras 4, 5 e 6. Esse plano foi executado durante o governo do presidente do estado Argemiro de Figueiredo, de 1935 a 1940. O Plano de Remodelação e Extensão da Cidade de João Pessoa foi executado pelo arquiteto francês George Munier. Este priorizou o lago central, delimitou o perímetro com a avenida circular e com as palmeiras imperiais. Para garantir a durabilidade do espelho de água fez construir um muro de arrimo, até o nível da avenida e perfurar dois poços cartesianos. Estas obras, junto com a da Parkway foram executadas pela Diretoria de Viação e Obras Públicas da Paraíba (DVOP), comandados pelo engenheiro Ítalo Jofilly e pelo arquiteto-urbanista Clodoaldo Gouveia, órgão criado para implantar as diretrizes de ampliação do governo Vargas. Nesse período, também se deu a construção do Instituto de Educação (atual Lyceu Paraibano), a instalação da fonte luminosa, e a construção do Cassino de Verão (Figura 7, 8 e 9).

⁴ Interventor estadual, designado pelo Presidente do Brasil Getúlio Vargas, para a Paraíba.



Figura 4: Início das obras da Parkway. 1938
Foto: Gilberto Stuckert.



Figura 5: Parkway concluída, Av. Getúlio Vargas, concluída. 1941.
Foto: Gilberto Stuckert.



Figura 6: Parkway e Lagoa vista do terraço do Instituto de Educação (Sem data)
Acervo: Humberto Nóbrega



Figura 7: Instituto de Educação. (Sem data)
Acervo: Humberto Nóbrega



Figura 8: Instalação da fonte da Lagoa. Acervo IPHAEP. (Sem data e autor).



Figura 9: Cassino de Verão. Sem data.
Acervo: Humberto Nóbrega.

Em 1939 deu-se a inauguração do Parque Sólon de Lucena, um ano após no governo do prefeito Fernando Carneiro da Cunha Nóbrega, o paisagista Roberto Burle Marx, foi contratado para uma nova fase de intervenções urbanísticas no Parque Sólon de Lucena. Em 29 de Março de 1940, em entrevista publicada no jornal A União, Burle Marx revelou seu entusiasmo pela cidade de João Pessoa, dizendo que *“elementos constitutivos da nossa flora vão predominar em nossos jardins, e com algumas modificações, as praças e jardins de João Pessoa, vão ficar uma maravilha”*.

(Figura 10 e 11). Ele ainda elogiou a iniciativa da instalação da Fonte Luminosa e do Cassino e diz que deseja completar o conjunto existente “fazendo a ligação da paisagem à arquitetura”, pois para ele o Parque Sólon de Lucena merecia especial atenção pela sua situação privilegiada iria “se constituir o ponto de maior atração da cidade”. De fato, como previu Burle Marx, o Parque Sólon de Lucena se tornou o ponto de maior atração, mas não só para lazer, como se esperava de um Parque, se tornou atração também para o comércio. Assim entendemos seu estranhamento ao retornar a João Pessoa, 40 anos depois, quando observou a modificação de seu projeto original. Burle Marx não previu a dinâmica da cidade que seguiu outro caminho, o aumento do tráfego de veículos a partir de 1970 fez com que a Lagoa viesse a se tornar uma rota de tráfego, e isso suscitou as modificações ocorridas.



Figura 10: Lagoa, trapiche e Cassino da Lagoa. (sem data) Foto: Gilberto Stuckert



Figura 11: Parque Sólon de Lucena. 1957 Foto: Tibor Jablonsky. Biblioteca Digital IBGE

A partir de 1975 com o tráfego intenso, começaram a surgir problemas de infra-estrutura e o prefeito Hermano Almeida contratou o escritório de Senas Caldas e Polito para iniciar um projeto de re-urbanização. A esse projeto associava-se também o Plano de Transporte de Massa, desenvolvido pelo urbanista Jaime Lerner. Animados de início com a reurbanização, a população passou a ficar descontente com os transtornos e a demora da inauguração. O prefeito Damásio Franca, que assumiu em 1979 não inaugurou as obras de imediato, aumentando o descontentamento agora também com o fechamento do anel interno ao tráfego. A essa época o comércio no entorno do parque já era grande e tinha muitos camelôs. Durante os primeiros anos da década de 1980, no governo do prefeito Oswaldo Trigueiro do Valle, a vida na Lagoa transcorreu sem intervenções urbanísticas, assim como no governo posterior de

Antonio Carneiro Arnaud. Só a partir de 1993, no governo do prefeito Francisco Xavier Monteiro da Franca, a Lagoa passou por mais uma re-urbanização para atender as reivindicações da população, que se incomodava com o lixo e com a feiúra causada pelo grande número de ambulantes. Nessa re-urbanização foi realizada a padronização das barracas dos ambulantes, que foram ordenadas e distribuídas na calçada dos pontos de parada dos ônibus. Também foram construídas Ilhas de Quiosques para acomodar lanchonetes e realizado o cercamento dos canteiros de jardins.

Na gestão do prefeito Cícero Lucena, a partir de 1997, realizou-se serviços de reparos na calçada principal, limpeza e dragagem dos esgotos, pois na época das chuvas as águas da Lagoa transbordam e invadem asfalto e as calçadas dos pontos de parada dos ônibus. Os transbordamentos das águas da Lagoa e dos esgotos continuaram, e continuam, a ocorrer no período chuvoso. No atual governo do prefeito Ricardo Coutinho, foi realizada a elevação do nível da calçada e construída uma obra artística o “Monumento a Pedra do Reino” em homenagem ao escritor paraibano Ariano Suassuna e a cultura nordestina, (figura 12 e 13) do artista plástico Miguel dos Santos.



Figura 12: Monumento à Pedra do Reino. 2009. Foto: Conceição Paulino



Figura13: Feição atual da Lagoa. 2009. Foto: Conceição Paulino

O uso atual e a formação do espaço liminar

Entender como e porque um espaço público vem sendo utilizado, ou não, por uma população de determinada cidade, em diversas temporalidades, tem interessando

sociólogos, geógrafos, historiadores, arquitetos e urbanistas. No caso de João Pessoa, o Parque Sólton de Lucena, não tem ficado de fora dessas análises. O cotidiano das décadas de 50 e 60 já foi tema de reportagens e contos publicados em jornais e livros, por diversos jornalistas e escritores.

Muito do que sabe sobre a Lagoa, veio pelas mãos dos que por lá transitaram, como revela os textos *A Lagoa- Sua poesia, seus fantasmas* de Mariana Soares, um conto narrativo que revela as memórias da autora que disputava os bancos com as amigas, que iam desfilarem seus vestidos e paquerar os rapazes. Neste texto também relembra a tragédia da virada da balsa em 1975 e outras, que a fez parar de frequentar o lugar por um tempo, diante das lembranças tristes. Outro texto que revela um ar saudosista é o texto *De Lagoa dos Irerês ao Parque Sólton de Lucena*, de Waldemar Duarte⁵, riquíssimo em elementos da vida cotidiana, mas sem cronologia precisa nos fatos narrados, o que dificulta sua compreensão.

O cotidiano atual do Parque mostra que ele tem vida: trabalho, moradia, lazer e exclusão estão a todo o momento se chocando. Hoje o lazer diário se resume ao consumo de bebidas acompanhadas da exibição de shows musicais variados exibidos nas TV's dos quiosques. Os moradores das poucas residências que restam, e dos edifícios, convivem com a movimentação e com o barulho da cidade, das lojas, das buzinas e vozes, e com os sem tetos que dormem embaixo das árvores e delas fazem seu refúgio. Durante certo tempo também se via os pescadores da Lagoa, e os vendedores da feira de troca que existia no local.

Para uma melhor visualização das descrições que irei realizar aqui, divido o espaço da Lagoa em Norte, Sul, Leste e Oeste (Figura 14).

⁵ Ver AGUIAR, Wellington. Octávio, José. Orgs. Uma cidade de quatro séculos, evolução e roteiro.



Figura 14: Fonte Google Earth. Imagem 20/01/2008.

Na parte Norte e Oeste é onde se concentra maior movimentação de transeuntes, devido a localização da maioria das lojas e do maior número de ponto de parada de ônibus, situados no seu Anel Interno. (Figura 15 e 16).



Figura 15: Movimentação Anel externo parte norte. 2010 Foto: Conceição Paulino



Figura 16: Movimentação parte norte. 2010 Foto: Conceição Paulino

Partindo da parte Oeste, todo o lado Sul até alcançar a parte Leste, é o lado de pouco movimento e conta com poucos pontos de parada de ônibus. Foi nessa região que foi construído o Cassino, que não chegou a ser de Verão, funcionando a vários anos como o restaurante Cassino da Lagoa.

Enquanto o lado Norte tanto em direção ao Oeste e Leste encontra-se os Quiosques de bares e lanchonetes, que são bastante movimentados tanto de dia como a noite, no lado Sul estes não foram construídos. Algumas medidas tentam movimentar a parte Oeste-Sul-Leste, como a mudança do trânsito em 2007 passou a receber mais linhas de ônibus, assim como também o seu anel externo, que passou a ser caminho dos ônibus com destino a Avenida Epitácio Pessoa, deixando-o um pouco mais transitado, e atualmente também abriga alguns órgãos da administração municipal e estadual o que estimula sua movimentação, contudo como podemos visualizar nas figuras encontra-se carente de infra-estrutura. (Figura 17, 18, 19 e 20).



Figura 17: Única parada de ônibus no anel externo do lado Sul. 2009.
Foto: Conceição Paulino



Figura 18: Falta de infra-estrutura nos canteiros do Lado Sul. 2009.
Foto: Conceição Paulino



Figura 19: Falta de infra-estrutura. lado Sul. 2009. Foto: Conceição Paulino



Figura 20: Restaurante popular. 2009.
Foto: Conceição Paulino

Apesar de todas estas intervenções urbanísticas que o Parque Sólon de Lucena passou, percebe-se que quase sempre se priorizam as áreas de maior movimento e a calçada do espelho d'água, nas obras e serviços de reparo e manutenção. As demais calçadas e bancos do parque estão a precisar ser refeitos, seus canteiros precisam de podas e replantio de novas plantas, para fazer companhia aos belos Ipês Amarelos e Palmeiras Imperiais. Essa parte tornou-se aos olhos dos administradores quase que um *ponto cego* (CERTAU, 1994), mas isso só sente quem por ele caminha e observa, pelos que sentem a cidade.

Em comparação com a parte Leste-Norte-Oeste, vemos então que a parte Oeste-Sul-Leste é pelo pouco movimento que se tem, o local escolhido como refúgio para usuários de drogas, meninos de rua, pedintes e moradores de rua. Ainda há aqueles que se aventuram por estes lados para encontros amorosos ao anoitecer, apesar do perigo do lugar sem movimento. De maneira distribuída, principalmente a noite podem-se perceber pessoas “fazendo ponto” para prostituição. Parece existir assim uma fronteira, uma “*zona simbólica de transição*” (ARANTES, 1994 apud TURNER). Estes circulam livremente entre o movimento frenético da parte Norte. Em conversa informal com um vendedor ambulante, disse que apesar da existência de meninos de rua, há poucas ocorrências policiais na Lagoa, devido à presença de policiamento a paisana, segundo ele isso ocorre desde que desativação de uma feira de troca (motos, equipamentos eletrônicos, etc.) que ocorria no lado sul durante quase toda década de 1990.

Na dimensão espacial do Parque Sólon de Lucena, quatro realidades se chocam: trabalho (comércio), lazer, moradia e exclusão. Estas realidades convivem diariamente ao sabor dos instintos, hora sem conflitos, hora com tensões. Mas a vida transcorre quase que normalmente, sem muitos incidentes. A Lagoa então se constitui como um espaço liminar que “*cruza lugares lucrativos com não lucrativos, casa com espaço de trabalho, bairro (residencial) com centro comercial*” (ZUKIN, 2000, p. 82).

Há no espaço do Parque tanto o comércio formal como informal, uma diversidade de produtos e serviços, encontramos muitas lojas de calçados, confecções, cama, mesa, banho, móveis e eletrodomésticos, além de um grande supermercado. No comércio informal se encontra de tudo, desde o artesanato dos “hippies”, passando pela pirataria de CD e DVD, que ora se encontra presente ora se esconde, diante da fiscalização da prefeitura. Os antigos camelôs foram re-locados para um Centro Comercial em 2006, por isso hoje nas calçadas do anel externo e

interno, não se encontram mais barracas, além daquelas já existentes. Contudo as vendas continuam sendo realizadas manualmente em tabuleiros. Em épocas de safra é comum encontrarmos carrinhos com milho verde cozido e frutas frescas, sendo vendidas na calçada dos pontos de parada de ônibus. Estes fazem uma saudável concorrência, com os demais pontos fixos da mesma calçada, como o de vendas de tapioca e outras guloseimas.

Na área de serviço a alimentação é destaque com as lanchonetes e bares populares das Ilhas de Quiosques, ainda encontramos correios, bancos, loterias, e estacionamentos, além dos serviços informais oferecidos, pelos flanelinhas, com na lavagem de carros.

As antigas residências do lado Norte foram sendo vendidas ao longo dos anos, muitas foram compradas e demolidas para a construção das lojas. Restam poucas casas, algumas – de forma distribuída - servem de moradia, mas que também abriga comércio. Na parte Leste e Sul ainda existem alguns exemplares de casas onde funcionam comércio, mas não que sofreram descaracterização da sua arquitetura, a existência dessas nos dá uma amostra da condição sócio econômica dos antigos moradores. Grande parte dos moradores atuais vive nos Edifício Manoel Pires, e nos edifícios que ficam na antiga Park-way, o Caricé e o Santa Rita, que ainda hoje fazem de seu calçadão um local para atividades esportivas (Figura 21 e 22).



Figura 21: Edifício Caricé. 2009.
Foto: Conceição Paulino



Figura 22: Edifício Manoel Pires. 2010.
Foto: Conceição Paulino

Vemos que o processo de urbanização da Lagoa atravessou várias épocas, e cada intervenção urbanística foi fazendo com que sua paisagem fosse sendo cada vez mais utilizada pela população, ao ponto em que o andar pela Lagoa nos põe em

contato com diferentes imagens do cotidiano: de seus moradores (seja das residências ou das ruas), dos passantes, freqüentadores e dos trabalhadores do comércio formal e informal. É de todas essas formas que a Lagoa ou Parque Sólon de Lucena se apresenta: Lugar histórico social e natural, que proporciona encontros, ativa memórias e exhibe conflitos.

Reflexões Finais

A Lagoa já foi alvo de um Fórum de Debates promovidos pela Prefeitura de João Pessoa, para se pensar junto com a sociedade e atores locais os destinos da Lagoa em 2001. Infelizmente as ações resultantes das idéias desse fórum não foram realizadas, e podemos resumir que foi falta de vontade política. Assim termino meu artigo com algumas inquietações.

Diante de todas as informações aqui relatadas com relação ao uso para comércio, moradia, transporte e lazer, e diante do Parque ter possuído no passado anfiteatros para apresentação artístico-culturais e por já ter tido um Playground, desativados por ter ficado sem usuários ativos, e de ter sido também local de eventos festivos, paradas, comemorações promovidas pelo poder público e privado, podemos perguntar, o que afasta, ou afastou a população de exercer outros tipos de uso no Parque Sólon de Lucena? Que sentimentos foram revelados a cada etapa de intervenção urbanística?

Antes da urbanização, o que se sabe é que a sociedade via o local como refúgio para criminosos e foco de doenças, logo era um lugar que não se devia freqüentar. Resta saber se com os primeiros serviços realizados, a população passou olhar, e usar, o local de outra maneira. A tragédia de 1975 causou horror na sociedade da época e isso pode ter levado a falta de uso do lugar, assim como os suicídios, que já ocorreram no local, será que isso afasta a população, até que ponto? Nas obras subseqüentes vimos que a demora da conclusão dos serviços, afastava a população, diante dos transtornos causados pelas obras, assim como a desordem do grande número de camelôs que ocupava as calçadas, não dando espaço para os transeuntes andarem livremente. O transbordamento das águas, no período chuvoso, que chegava

a atingir a calçada dos pontos de parada de ônibus, e falta de drenagem adequada nos canteiros também devem afastar possíveis usuários.

Assim será que podemos afirmar que a presença de infra-estrutura em todos os espaços da Lagoa iria fazer com que seu uso tivesse um volume maior de usuários? Possivelmente sim. O que vemos é que a cidade mesmo em meio a crise possui a sua lógica e sua dinâmica, e que os atores sociais, apesar de perceber a falta de infra-estrutura, de alguns momentos manifestar as suas preocupações e cobrar ações do poder público, dividem e não deixam de usar o local a seu favor.

BIBLIOGRAFIA

ABRAHÃO, Sérgio Luís. Espaço Público: Do urbano ao político. São Paulo. Anablume. FAPESP. 2008.

AGUIAR, Wellington. MELLO, José Octávio de Arruda. Uma cidade de quatro séculos: Evolução e Roteiro. Campina Grande. Grafset. 1985.

ALMEIDA, Maria Cecília Fernandes. Espaços Públicos em João Pessoa (1889-1940) Formas, usos e nomes. Dissertação de Mestrado. São Carlos. 2006.

ARANTES, Antonio. A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cidade nº 23, Rio de Janeiro. 1994.

CERTEAU, Michel de. Andando pela cidade, In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cidade. Nº 23. 1994. Rio de Janeiro. RJ

EGITO, Jacy Cajú. et all. Conservação do urbano e suas interfaces: atuação no Parque Sólon de Lucena. In Dinâmica Urbano Ambiental da Cidade de João Pessoa-PB: Abordagens multidisciplinares. PIZZOL, Kátia Maria. [et all]. João Pessoa. Editora UFPB. 2006.

GOMES, André. "Parque Sólon de Lucena de Cartão Postal a área desordenada" Jornal da Paraíba. Disponível em: www.paraiba1.com.br/Noticia/24179_PARQUE+SOLON+DE+LUCENA%2B+DE+CAR+TAO%2BPOSTAL+A+AREA+DESORDENADA.html. Acesso em 24/05/2009.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Pertença e uso do espaço público: um passeio através do Parque Sólon de Lucena. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/19/06.html?studium=index.html> acesso em 16/10/10.

LIMA, Hélio Costa. Viagem a Felipéia. Reconstituição virtual do casco Urbano Seiscentista da Capital da Paraíba. Disponível em:
<http://revistas.ceurban.com/numero9/artigos.htm>. Acesso: 20/06/2009

SILVA, Patrick César da. Memória Social e Sentimento de Pertença: Um estudo sobre o Parque Sólon de Lucena, João Pessoa. TCC. UFPB. 2006
SOUSA, Alberto. NOGUEIRA, Helena de Cássia. O Plano de implantação da Cidade da Parahyba (1585). I Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica. Rio de Janeiro. 2005. Disponível em
<http://revistas.ceurban.com/numero6/artigos/albertosousa.htm>. Acesso 28/07/2009.

ZUKIN, Sharon. Paisagens Urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In:

ARANTES, Antônio. (org). O espaço da diferença. Campinas. SP. Papius. 2000

A UNIÃO, Jornal . 29 de Março de 1940.